

Chão da Escola, Envolvimento e Experiência: a formação docente no contexto do estágio da disciplina de Pesquisa e Prática Educativa na Licenciatura de História/UFF

School Context, Engagement, and Experience: Teacher Education in the Internship of the Educational Research and Practice Course in the History Degree Program at UFF

Contexto Escolar, Compromiso y Experiencia: La Formación Docente en la Práctica del Curso de Investigación y Práctica Educativa del Programa de Licenciatura en Historia de la UFF

Walter José Moreira Dias Junior¹
Christian Augusto Faria de Lima de Morais²
Luana Gasparello Portugal³
Maria Rocha Estebanez⁴

Resumo: Este trabalho investiga a trajetória e a vivência do estágio supervisionado obrigatório na formação inicial de licenciandas/os em História da Universidade Federal Fluminense, assim como a formação continuada do educador que os recebeu para esta iniciativa no Colégio Estadual Manuel de Abreu (Niterói/RJ). Através da metodologia da pesquisa narrativa e da elaboração de mônadas docentes, busca-se escutar as vozes das/os estagiárias/os e do professor da rede pública, visando contribuir para o rompimento da hierarquia entre universidade e escola. A partir dos relatos, pretende-se apontar caminhos para que esse período de contato com o chão da escola seja menos enfadonho e mais formativo. Os resultados indicam que o estágio, quando é realizado com envolvimento e em horizontalidade, transcende a burocracia, impactando positivamente na criação da identidade profissional docente com experiências significativas.

Palavras-chave: Formação Docente. Estágio Supervisionado. Licenciatura. Ensino de História.

Abstract: This paper investigates the trajectory and experience of the mandatory supervised internship in the initial training of undergraduate history students at UFF, as well as the continuing education of the teacher at the Manuel de Abreu State College (Niterói/RJ) who received them for this initiative. Through the methodology of narrative research and the elaboration of teaching monads, it seeks to listen to the voices of the interns and the public school teacher, aiming to contribute to breaking the hierarchy between university and school in this academic article. Based on the reports, it is intended to point out ways for this period of contact with the reality of the school to be less tedious and more truly formative. The results indicate that the internship, when carried out with involvement and horizontally, transcends bureaucracy, positively impacting the creation of the professional teaching identity with significant experiences.

Keywords: Teacher Training. Supervised Internship. Teaching Degree. History Teaching.

¹ Doutorando em Educação na Universidade Federal Fluminense. Professor da SEEDUC-RJ. E-mail: waltermoreiradias@gmail.com

² Licenciando em História na Universidade Federal Fluminense. E-mail: chmorais@id.uff.br

³ Licencianda em História na Universidade Federal Fluminense. E-mail: luanagasparello@id.uff.br

⁴ Licencianda em História na Universidade Federal Fluminense. E-mail: mariaestebanez@id.uff.br



Resumen: Este trabajo investiga la trayectoria y la vivencia de la práctica supervisada obligatoria en la formación inicial de licenciados en Historia de la UFF, así como la formación continua del educador que los recibió para esta iniciativa en el Colegio Estatal Manuel de Abreu (Niterói/RJ). A través de la metodología de la investigación narrativa y la elaboración de mónadas docentes, se busca escuchar las voces de los/as estudiantes en práctica y del profesor de la red pública, con el objetivo de contribuir a la ruptura de la jerarquía entre universidad y escuela en este artículo académico. A partir de los relatos se pretende señalar caminos para que este período de contacto con la realidad de la escuela sea menos tedioso y más realmente formativo. Los resultados indican que la práctica, cuando se realiza con involucramiento y horizontalidad, trasciende la burocracia, impactando positivamente en la creación de la identidad profesional docente con experiencias significativas.

Palabras clave: Formación Docente. Práctica Supervisada. Licenciatura. Enseñanza de la Historia.

INTRODUÇÃO

A formação de professores é um espaço central na defesa da escola pública e da profissão docente (António Nóvoa, 2019, p.207)

Este trabalho aborda a temática do estágio obrigatório no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Fluminense. No caso, teremos como campo e foco das análises e reflexões os estágios realizados no segundo semestre de 2024 no Colégio Estadual Manuel de Abreu localizado na cidade de Niterói no estado do Rio de Janeiro.

O colégio possui cerca de mil e cem estudantes regularmente matriculados e tem turmas do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. No caso, o que será apresentado neste artigo refere-se à atuação nas quatro turmas de 9º ano do Ensino Fundamental do ano letivo de 2024.

Figura 1 – Fachada do C.E. Manuel de Abreu



Fonte: Google Street View

Os/as autores/as compõe aqui uma pequena comunidade pedagógica (hooks, 2021) que reúne um professor da rede pública estadual e três licenciandas/os em processo de formação docente inicial. O objetivo é investigar e avaliar se as/os estagiárias/os têm sua trajetória impactada no campo da educação ao realizar os estágios obrigatórios das disciplinas de Pesquisa e Prática Educativa (PPE), e se o professor da rede pública também se trans/forma (Andrade, 2017) nesse cenário.

Considerando o termo “trans/formação”, pode-se entender que, de maneira recíproca entre professor e licenciandas/os, o momento do estágio propicia um movimento de trans/formação, ou de “protagonismo compartilhado, reconhecendo as múltiplas formas pelas quais cada qual assume suas responsabilidades e seu compromisso com esse contexto formativo” (Andrade, 2017, p. 97,).

O professor regente do C.E. Manuel de Abreu, onze anos antes, formou-se no mesmo curso e universidade que as/os estagiárias/os que recebeu e que são objeto desta reflexão. Neste cenário, as/os próprias/os licenciandos/as contribuem para a formação continuada, ou trans/formação, do professor já em exercício há diversos anos. Ou seja, todos/as têm contribuições à sua formação docente.

Reforçando o que Ivor Goodson (2022) alertou sobre o silenciamento dos professores das pesquisas acadêmicas sobre Educação, o que também foi lembrado por Nóvoa quando as carreiras universitárias, no quadro de um produtivismo acadêmico que valoriza, acima de tudo, a publicação de artigos científicos, relegando para segundo plano o investimento em atividades como a formação de professores (Nóvoa, 2019, p. 203).

Dessa forma, buscamos aqui traçar um pequeno movimento de contracultura que busca reativar estes vínculos entre os indivíduos que estão no chão da escola pública e os debates do meio acadêmico. Não se trata de dar voz às/aos estagiárias/os e professor, afinal todos na escola sempre tiveram voz, mas sim, fomentar um espaço para que se possam ouvi-las. Assim, atuamos no reforço e valorização dos professores e “os seus saberes e os seus campos de atuação, que valorizem as culturas docentes, e que não transformem os professores numa profissão dominada pelos universitários.” (NÓVOA, 2011, p. 535)

METODOLOGIA

A partir da metodologia da pesquisa narrativa, buscamos evidenciar a importância de se escutar o que futuras/os professoras/es têm a dizer e refletir sobre o próprio processo de formação docente, assim como um professor da rede pública enxerga o recebimento de estagiárias/os vindas/os da universidade acompanha-lo em suas turmas na educação básica. A esse respeito, consideramos que as narrativas têm potencial de produzir:

uma nova episteme, um novo tipo de conhecimento, que emerge não na busca de uma verdade, mas de uma reflexão sobre a experiência narrada, assegurando

um novo posicionamento político em ciência, que implica princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito social, valorizadores de sua capacidade de reflexão. (Passeggi; Souza, 2017, p. 10)

Dessa forma, ao assegurar a escuta desses personagens, busca-se evidenciar que a formação docente e a identidade profissional em construção extrapolam o mero domínio dos conteúdos a serem ensinados em sala de aula., pois:

o conhecimento prático pessoal e o conhecimento do conteúdo pedagógico são apenas parte do ‘conhecimento profissional’ do professor. Esse conhecimento profissional vai muito além do pessoal, do prático e do pedagógico. Confiná-lo nesses limites é falar a respeito de uma voz de empoderamento, enquanto, na realidade, realiza-se um desempoderamento. Definir o conhecimento dos professores em termos de sua localização dentro das fronteiras da sala de aula é estabelecer limites a seu potencial e seu uso (Goodson, 2019, p.143-144).

Complementando e conferindo escopo a essa metodologia, utilizamos o recurso da elaboração de mônadas, de inspiração benjaminiana, redigidas por cada um dos quatro autores. Essas mônadas visam criar zonas de contato entre a história, experiência pessoal, conhecimento e o próprio processo de formação docente. Usamos a noção trabalhada por Michael Löwy, em que:

A rememoração tem por tarefa, segundo Benjamin, a construção de constelações que ligam o presente e o passado. Essas constelações, esses momentos arrancados da continuidade histórica vazia, são mônadas, ou seja, são concentrados da totalidade histórica (Löwy, 2005, p. 131).

Dessa forma, manejando o passado para indicar os motivos para escolha da profissão, a vivência na Universidade e nas disciplinas pedagógicas, e a experiência com o estágio obrigatório, ambiciona-se demonstrar as memórias e os afetos de quatro trajetórias docentes, sejam em formação inicial ou continuada.

EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO

Visamos aqui redimensionar a experiência do estágio obrigatório das Licenciaturas, o que muitas vezes é visto como algo enfadonho, sem sentido e demorado. Em uma vida cada vez com mais afazeres e mais atribulada, qual o lugar da ida ao chão da escola para acompanhar aulas da educação básica?

Se ainda considerarmos a longa hierarquia construída entre a Universidade e a Escola, bem representado na expressão “Ensino Superior” em contraposição aos demais níveis, veremos que persiste a ideia do ambiente acadêmico ser considerado o espaço de aprendizado da teoria e as escolas o local do aprendizado das práticas. Mas não é assim que a realidade se impõe, pois como explica António Nóvoa:

Não devemos, nunca, desvalorizar o conhecimento das disciplinas científicas (a Matemática, a História, etc.). Caso contrário, é impossível educar as crianças e o trabalho dos professores tende a rodar num vazio de conhecimento. Também não podemos desvalorizar o conhecimento pedagógico e das ciências da educação (questões psicológicas, históricas e sociológicas, políticas educativas, metodologias e didáticas, etc.). No entanto, estes dois tipos de conhecimento,

que organizam os currículos das licenciaturas, tendem a ignorar um terceiro gênero de conhecimento, absolutamente decisivo para formar os professores: o conhecimento profissional docente. Se não reconhecermos a existência e a importância deste “terceiro conhecimento”, não conseguiremos afirmar a profissão docente como “profissão baseada no conhecimento” (Nóvoa, 2019, p.204).

Dessa forma, o terceiro gênero do conhecimento se constrói compreendendo a essência do ensino e tendo cada vez mais experiências que aprofundem a aquisição de uma dimensão profissional docente.

A educação básica muitas vezes é secundarizada e desvalorizada por acadêmicos. Muitas pesquisas ainda olham para as escolas como objeto, professores e estudantes como entrevistados anônimos. Nossa discussão aqui, em um trabalho acadêmico, é demonstrar por um outro ponto de vista. Não sobre a escola, mas a partir da escola. Não com entrevistas de licenciandas/os e professoras/es a serem interpretadas por pesquisadores/as universitários/as, mas apresentando narrativas de professoras/es, seja em formação inicial ou continuada.

Essa ação se insere no cenário trabalhado por Jorge Larrosa Bondía mostrando como “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Larrosa, 2002, p.21),

Assim, queremos aprofundar o entendimento sobre os processos oficiais de formação de professoras e professores, sua burocracia, assim como as táticas que existem para horizontalizar e tornar realmente significativo para a formação docente dos/as licenciandos/as.

O estágio obrigatório não pode ser somente mais uma tarefa a cumprir presencialmente, sem vínculo e envolvimento com a escola. Não é um momento para assistir as aulas de forma desconectada enquanto aguarda o tempo passar. É preciso um enfrentamento à esta dinâmica, pois:

Cada vez estamos mais tempo na escola (e a universidade e os cursos de formação do professorado são parte da escola), mas cada vez temos menos tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo (Larrosa, 2022, p.23).

Uma possibilidade para garantir este redimensionamento dos períodos de estágio supervisionado obrigatório é promover um espaço horizontal para receber os/as estagiários/as, apresentando-os/as às turmas, dividindo o planejamento, integrando-os/as às dinâmicas de sala de aula. Esta corresponsabilidade:

permite construir uma verdadeira formação profissional. Para que ela tenha lugar, é necessário atribuir aos professores da educação básica um papel de

formadores. A construção de uma parceria exige uma compreensão clara das distintas funções, mas sempre com igual dignidade entre todos e uma capacidade real de participação, isto é, de decisão (Nóvoa, 2019, p.206).

O comprometimento e envolvimento das/dos licenciandas/os em toda a experiência de estágio supervisionado também é expressa de maneira prática nas vivências dos mesmos nos conselhos de classe que foram acompanhados mesmo após a conclusão das horas mínimas solicitadas pela burocracia universitária.

Figura 2 – Visão das/os estagiárias/os no último Conselho de Classe do ano letivo de 2024



Fonte: arquivo pessoal dos/as autores/as

Dessa forma, na próxima seção apresentaremos um pouco desses momentos de parceria e corresponsabilidade.

MÔNADAS DOCENTES

Nesta seção apresentamos quatro mônadas, de inspiração benjaminiana, escritas professor regente do C.E. Manuel de Abreu e por três licenciandas/os que realizaram estágio supervisionado obrigatório nesta escola no segundo semestre de 2024.

Manejando desde o interesse pela profissão docente, até os passos desenvolvidos neste e em outros estágios, ambiciona-se demonstrar a memória da trajetória individual de cada um no campo da educação, que acabaram por se transformar em trajetória coletiva durante as semanas de encontros nas aulas das turmas de 9º ano do colégio.

Deseja-se aqui, inclusive, buscar estabelecer um diálogo com as reflexões de Nêgo Bispo (Santos, 2023) e trazendo algumas análises do autor para o nosso campo da educação. Mais do que a experiência de estágio ter como objetivo *desenvolver* as características de uma identidade profissional docente, defendemos que o estágio deve *envolver*. *Envolvimento* com o chão da escola, com as dinâmicas em sala, com o diálogo com os estudantes nos parece mais enriquecedor do que um *desenvolvimento* puramente progressivo e individual.

Figura 3 – Mosaico da participação de Christian, Luana e Maria em dinâmicas em sala



Fonte: arquivo pessoal dos/as autores/as

Mônada nº1 – Walter - Professor do C.E. Manuel de Abreu

O lugar do estágio na minha memória não é feito de boas lembranças. Na minha formação na licenciatura, lembro da grande hierarquia entre as disciplinas do bloco N (onde ocorriam as do bacharelado) e as do bloco D (onde ocorriam as da licenciatura) no campus do Gragoatá na Universidade Federal Fluminense. O rebaixamento das disciplinas pedagógicas na visão de nós, estudantes, era nítido. O estágio praticamente não existiu. Um professor ou outro indicou assistir pelo menos uma única aula na educação básica. Lembro do tom de crítica dos licenciandos frente às “barbaridades” ditas pelos professores *analisados* e *avaliados* pelos estudantes da UFF. Isso de alguma maneira já me incomodava. Era injusto. Até certo ponto covarde. Estudantes universitários no alto de sua arrogância acadêmica julgavam a maneira de ministrar o conteúdo do professor que

recebia os estagiários. E estes relatórios e apresentações de trabalho que quase sempre *atacavam* a escola e o educador nunca tinham um contraponto. A escola e o professor da educação básica nunca tinham voz ouvida. Não era um diálogo. Nunca foi. Quando comecei a dar aulas na rede pública não foram poucos os relatos de colegas professores dizendo que recusavam receber estagiários: “chegam aqui se achando!”. Infelizmente parte dos integrantes do Ensino Superior realmente se acha *Superior*. Em onze anos, sendo professor, já recebi estagiários de perfil muito variado. Dos que aproveitavam a horizontalidade em sala e participavam ativamente das aulas, até os que faziam questão de se manter alheios a tudo que acontecia no espaço da sala de aula, contando os minutos para poder ir embora. Dos que eram os primeiros para apontar críticas à aula sem propor e nem construir alternativas, até os que foram junto às assembleias do sindicato de professores em época de greve. Mas sem dúvida guardarei na memória a parceria no estágio com Christian, Luana e Maria no segundo semestre de 2024. A soma na construção das aulas, participação com comentários, auxílio nas dinâmicas em sala. Viveram realmente o processo. E o Christian, especialmente, fazia algo que nunca tinha visto um estagiário fazer. Quando ele chegava em sala de aula, ao invés de buscar uma carteira junto aos alunos, puxava uma cadeira e se sentava ao meu lado. Lá na frente da turma. As aulas sempre se pretenderam mais horizontais para alunos e estagiários, mas ele adicionou uma referência visual, inclusive. É isso. Christian, Luana e Maria entenderam como a parceria entre Escola e Universidade deve ser. No chão de uma sala de aula da rede pública não existe *ensino superior*.

Mônada nº2 – Christian - Estagiário de PPE

A escolha de realizar o estágio com o Walter foi parte de um projeto que eu comecei após meu terceiro período na universidade, que é baseado em escolhas de professores de acordo com as primeiras aulas dos mesmos. Em tal processo, meu maior aliado é, portanto, o período de ajustes dado comumente nas duas primeiras semanas de aula de cada semestre; nessas duas semanas eu frequento o máximo de aulas possíveis, independentemente de horários, a fim de selecionar os que, dentro da minha visão, vão contribuir para a minha formação intelectual, profissional e acadêmica. Julgo necessária esta prévia introdução para indicar que escolhi a matéria Pesquisa e Prática Educativa com o professor Everardo Andrade devido sua proposta de trazer professores de escolas públicas para apresentarem suas experiências e trajetória. Dentre vários admiráveis professores que se apresentaram, o Walter nitidamente me chocou. Como, alguém que se formou trabalhando no contraturno da Universidade, se formou sem experiência alguma em sala, tinha propostas tão ricas para a sala de aula? É evidente que só é possível fazê-las com muito estudo e prática, mas o ponto que por muitas vezes é ignorado pela antiga geração, é a pressão que a minha geração põe sobre si. Por exemplo, é comum ver jovens de 24 anos se julgando fracassados por não terem entrado na faculdade, mesmo havendo muitos anos à frente para ingressar em uma universidade. O que antes era choque, se transformou rapidamente em profundo interesse em sua metodologia de

ensino. Simplesmente fantástico, promover nas escolas públicas o debate com os alunos acerca dos métodos de avaliação e da organização do calendário escolar não se trata apenas de dar voz aos estudantes, mas de valorizar suas contribuições como protagonistas do processo educacional. Esse método se alinha ao pensamento de Paulo Freire, para quem "ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão" (Freire, 1996). Quando a participação ativa dos alunos é estimulada, cria-se um espaço de diálogo que fortalece a autonomia, a responsabilidade coletiva e a construção democrática do ensino. O que me interessou na teoria durante a apresentação do Walter, me encantou na prática, ao longo do meu estágio era perceptível o interesse dos estudantes e a participação ativa da maioria. O Walter me surpreendeu ao permitir que os estagiários contribuíssem livremente com observações durante as aulas, trazendo à aula maior riqueza no conteúdo e ampliando a vivência prática dos estagiários. De fato, esse estágio foi de grande valia para minha formação e quando professor, buscarei disponibilizar as experiências e auxílio que o Walter me deu.

Mônada nº3 – Luana - Estagiária de PPE

O primeiro dia de estágio foi uma segunda-feira, dia 21 de outubro de 2024, começo do meu semestre, mas final do ano letivo para os alunos da educação básica. Lembro de entrar na escola muito ansiosa, curiosa, imaginando as possibilidades de relação com os alunos e com o professor Walter. Assim que entrei o prof. Walter me disse para ficar à vontade na sala e falar quando quiser, sem cobrança, o que me tranquilizou e permitiu uma análise mais franca e orgânica. Logo comecei a reparar atentamente a turma entrando, seus jeitos de falar, andar, vestir, se comportar uns com os outros, tudo parecia interessante. Há pelo menos 8 anos que não entrava em uma escola, foi divertido a nostalgia dos primeiros dias e a percepção do ambiente escolar com outro olhar, por outro lugar, ainda como aluna, mas em uma posição completamente diferente. As minhas primeiras anotações exemplificam como eu estava descolada da realidade escolar: turma cheia, baderna, muitos alunos não estavam prestando atenção e estavam agitados. Hoje, acho graça, não escreveria nada disso. Apesar do estranhamento inicial, ainda no primeiro dia fui tocada pela experiência surpreendente de um sentimento que nem imaginava habitar em mim, pelo menos não tão cedo. Era o final da aula antes do recreio, muitos olhando o celular ou conversando com os coleguinhas, apenas esperando o toque da liberdade. No meio desse cenário, percebi um aluno muito atento, prestando atenção em cada fala que saía da boca do professor, era como se cada frase fosse uma nova descoberta, como se estivesse passando um filme na cabeça dele em que o final parece perto, mas a cada desenvolvida fica mais interessante. Pronto. Me emocionei. Lembro de escrever uma mensagem no celular falando que entendi tudo, entendi quando os professores falam que ao ver ao menos um aluno interessado e engajado com a aula, faz tudo valer a pena. Nada mais importava pra mim naquele dia, voltei pra casa pensando que talvez esse fosse meu caminho, talvez eu gostasse muito da ideia de ser professora. Ao analisar a vivência no estágio lembro que logo nos primeiros dias me deparei imersa

em questões recorrentes discutidas em sala de aula na faculdade, não apenas nas aulas de PPE mas em todas as de licenciatura que passei. Uma das conversas mais comuns é como lidar com os alunos que não querem aprender, aqueles que realmente atrapalham a aula. Em meio às discussões em sala e os relatos de meus colegas, percebi como as situações são diversificadas, tanto de cenários, quanto de resoluções tomadas pelos professores. Tem de tudo. As situações relatadas, comentadas e analisadas são diversas, mostrando que a experiência da prática é fundamental e única, capaz de carregar muitos aprendizados e ampliar muitas discussões. O estágio evidencia o desafio de "ensinar aqueles que não querem aprender", colocando o educador diante da complexidade de lidar com alunos desmotivados, e mostrando que a habilidade de se conectar com o estudante e tornar o aprendizado significativo é essencial para o sucesso da prática pedagógica. Outro ponto de destaque nas matérias de educação na graduação são as formas de avaliação. Todos nas aulas parecem estar cientes que o método tradicional de provas nem sempre funciona, mas as discussões das alternativas também são diversas e dependem de muitos fatores externos. O professor Walter, por exemplo, faz uma espécie de conselho, em que os alunos escolhem de forma democrática como eles querem ser avaliados durante o bimestre. É interessante perceber que cada turma faz escolhas diferentes, mostrando mais uma vez a diversidade das salas de aula, cada aluno, assim como cada turma, possui um perfil diferente, com interesses e abordagens diferentes. Outrossim, o estilo de aula de cada professor é sempre debatido em qualquer roda de conversa com amigos, colegas e dentro das aulas de licenciatura. As aulas do prof. Walter me chamaram atenção por serem completamente visuais, algo que aprecio muito pois me considero uma pessoa com muita aprendizagem visual. O professor mantém o computador ligado e aberto para a turma em todas as aulas, todos os momentos, conforme ele vai explicando a matéria as imagens o acompanham, complementando a fala e dando o suporte visual que particularmente acho muito valioso, ainda mais por se tratar de adolescentes da era digital. Assim, o estágio se mostrou como uma grande oportunidade de fortalecer a ideia de que "a formação de professores precisa ser trazida para dentro da profissão", como afirma Nóvoa (2011, p. 535), destacando a importância de que a formação inicial se integre ao dia a dia escolar, proporcionando ao futuro professor um entendimento real das condições de ensino e aprendizagem. A experiência de estágio também permite vivenciar a "colegialidade" e a "partilha" entre os educadores, elementos fundamentais para um ambiente de trabalho colaborativo, que, como disse Nóvoa (ibid, p. 535), não se impõem por vias administrativas, mas são construídos na prática cotidiana. Agradeço a oportunidade de agregar dentro da sala de aula com o prof. Walter, todos os comentários que fiz durante as aulas para os alunos, a participação nos jogos e nas diferentes dinâmicas, a correção das provas, tudo foi cativante e muito enriquecedor para a minha jornada.

Mônada nº4 – Maria - Estagiária de PPE

Relembrar o estágio no Colégio Estadual Manuel de Abreu é lembrar de um ambiente de acolhimento realizado pelo professor Walter que transforma a sala de aula do ensino básico num lugar de aprendizagem para os estagiários que serão futuros professores, nos incentivando, nos acolhendo e nos dando voz. No meu primeiro estágio, com outro professor, não fui nem apresentada a turma pelo professor só cheguei e foi sinalizado para que me sentasse ao fundo, o que é uma memória não agradável, me perguntei qual o sentido de ter estagiários como sombras. Durante as aulas me senti de volta à escola, lugar no qual me apaixonei pela educação e pela história. Também me identifiquei com o modo do Walter ensinar e dar suas aulas, com certeza será uma inspiração para minha prática docente futura. Os conteúdos, apesar de densos, acabavam tornando-se leves de algum modo; gostava de ver os alunos tirando dúvidas e se mostrando interessados. Outro ponto foi poder participar das aulas com meus colegas adicionando informações, trazendo curiosidades ou respondendo às dúvidas dos estudantes, não éramos apenas estátuas naquele ambiente, mas tínhamos a oportunidade de interagir, o que ocorreu principalmente nas avaliações. De acordo com Goodson e Petrucci-Rosa, “Com essas considerações, deparamo-nos com o desafio de desenvolvermos experiências educacionais e intelectuais que permitam às pessoas se aproximarem mais de suas emoções e de seu espírito” (2020, p.102). O processo de estar inteiramente presente naquele ambiente traz à tona as emoções de lembrar o porquê escolhemos nossa profissão e qual nosso papel na vida dos alunos e o deles na nossa, acho que ser professor, não em um sentido idealizado, mas crítico é gostar de ser gente com todas as contradições que isso implica e, principalmente, gostar de gente. Por fim, relembro Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*, livro que me marcou profundamente, quando ele fala “Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação com uma experiência fria, sem alma” (Freire, 1996). Nesse estágio, pude rememorar a educação com alma e com acolhimento, ver que é possível fazer a diferença e estar presente mesmo num estágio obrigatório que por vezes mostra-se um momento de mais inseguranças do que certezas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos refletir sobre o potencial que uma ferramenta tradicional nas licenciaturas, como o estágio supervisionado obrigatório, pode ser campo para experiências significativas na trajetória docente. A integração e horizontalidade de licenciandos/as na rotina de sala de aula promove uma imersão na profissão que é muito além do aprendizado de questões práticas, pois:

Não podemos permitir que a formação de professores seja redefinida por modelos praticistas que defendem o regresso a uma mera formação prática, no terreno, no chão da escola, junto de um professor mais experiente, corroendo assim as bases intelectuais, críticas, da profissão docente. (Nóvoa, 2022, p.88)

Recebendo estagiários/as do curso de Licenciatura em História da UFF, tomando como estudo de caso a experiência vivenciada no C.E. Manuel de Abreu, em Niterói/RJ, vislumbramos que: “não há dois professores iguais. Cada um tem de encontrar a sua maneira própria de ser professor, a sua composição pedagógica. Esse processo faz-se com os outros e valoriza o conhecimento profissional docente.” (Nóvoa, 2017, p.1125)

Assim, demonstramos que o "chão da escola" não é um mero local para a aplicação de teorias aprendidas na academia, mas sim um espaço vivo, que demanda envolvimento, de produção de conhecimento profissional docente.

A metodologia da pesquisa narrativa, enriquecida pela elaboração de mônadas benjaminianas, permitiu trazer à tona as vozes e as experiências dos sujeitos envolvidos – licenciandas/os em formação inicial e um professor da rede pública com trajetória de mais de uma década na profissão.

A experiência no C.E. Manuel de Abreu, com a abertura do professor regente e a participação ativa das/os estagiárias/os, ilustra o potencial de uma formação docente que valoriza o "terceiro conhecimento" – aquele que emerge da prática, da interação e da reflexão conjunta. Contrariamos a lógica de uma hierarquia rígida entre universidade e escola, buscando reativar os vínculos e fomentar um espaço de escuta para aqueles que cotidianamente constroem a educação básica.

As mônadas apresentadas oferecem um ponto de vista diferente dos textos acadêmicos do Ensino Superior e demonstram como a formação se constrói em um processo contínuo de troca e transformação, tanto para quem inicia a jornada quanto para quem já a trilha há anos.

Nesse sentido, defendemos que o estágio obrigatório deve ser repensado como um momento de genuíno envolvimento com o "chão da escola", com suas dinâmicas, seus desafios e, principalmente, com seus sujeitos. Um envolvimento que vai além da observação passiva e da invisibilidade em sala de aula.

Dessa forma, ao abordar o estágio pautado pelo envolvimento, pela escuta e pela corresponsabilidade, transcende-se a mera formalidade burocrática, impactando as trajetórias individuais e coletivas. Assim, esperamos que este trabalho contribua para os debates sobre a formação docente, incentivando a criação de espaços mais horizontais e colaborativos entre a universidade e a escola, nos quais a experiência e a voz de todos/as os/as profissionais da educação sejam não apenas ouvidas, mas também valorizadas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Everardo Paiva de. Memórias sentimentais (e críticas) de um programa de iniciação à docência: o ponto de vista do PIBID História UFF 2014. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [s. i.], v. 2, n. 3, p. 84–99, 2017.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas, v. 1). 7. ed. São Paulo (SP): Brasiliense, 1996. p. 222-232.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOODSON, Ivor. **A vida e o Trabalho Docente**. Petrópolis, RJ: 2022.

GOODSON, Ivor.; PETRUCCI-ROSA, Maria Inês. “Oi Iv, como vai? Boa sorte na escola!” Notas (auto)biográficas constitutivas da história de vida de um educador. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, v. 5, no 13. Salvador (BA): jan./abr. 2020.

hooks, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19. jan./abr. 2002. p. 20-28.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio** (Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”). São Paulo: Boitempo, 2007.

NÓVOA, António. Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 1. jan./abr. 2019. p. 198-208.

NÓVOA, António. **Escolas e professores proteger, transformar, valorizar** [com a colaboração de Yara Alvim]. Salvador, SEC/IAT, 2022.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v.47, n.166, p.1106-1133, out/dez 2017.

NÓVOA, António. Pesquisa em educação como processo dinâmico, aberto e imaginativo: uma entrevista com António Nóvoa. **Educação & realidade**, Porto Alegre (RS), v. 36, n. 2, p. 533-543, 2011.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

Recebido: 22.06.2025

Aprovado: 16.09.2025

Publicado: 17.09.2025